

revista de
informação
especializada
e profissional

dentalPRO

Preço de capa € 10,60 • Destinada a dentistas
Nº 148 • Maio 2020 • Mensal



A medicina dentária



depois da

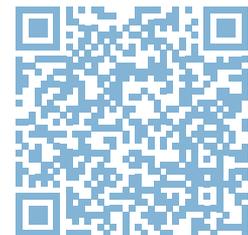


Covid-19



A medicina dentária depois da Covid-19

Os impactos da pandemia Covid-19 no setor da medicina dentária, as medidas que os profissionais e as clínicas/empresas devem tomar para minimizar uma nova crise e os pontos positivos a retirar de toda esta situação foram as questões colocadas pela DentalPro. A maioria das respostas aqui expostas foram recolhidas antes de terminar o estado de emergência em Portugal e, por isso, as clínicas mantinham portas fechadas, atendendo os pacientes apenas em situações comprovadamente urgentes e inadiáveis. À data do fecho desta edição, a retoma da atividade já está em curso e o desejo de todos é que a vida normalize o quanto antes.



Veja as opiniões em vídeo
youtube.com/playlist?list=PLpc0kE7Q-vTGIcJi2JUNc5gf4LzbDyKK

vídeo:
youtu.be/89fnB4TXN9g



Cátia Íris Gonçalves

“Esta pandemia já está a afetar profundamente e de forma transversal a economia mundial, embora haja países que seguramente serão mais severamente afetados do que outros. Temos a sorte de viver num país com mar, clima temperado, alguns valores solidários, cheio de gente criativa e empreendedora, principalmente no setor privado, qualidades indispensáveis para nos reerguermos economicamente”, começa por dizer Cátia Íris Gonçalves. E acrescenta: “Especificamente no setor da medicina dentária, gostaria de ser otimista, mas infelizmente julgo que, na realidade, assistiremos ao eclipsar de algumas clínicas com uma gestão menos profissional ou com tesourarias mais limitadas. Se a nossa profissão já estava afogada em despesas das mais variadas e cumprimento de requisitos, taxas e impostos sem fim, durante e depois deste flagelo será muito difícil a sobrevivência de todas as clínicas que compõem a rede privada de assistência à saúde oral da qual fazemos parte. Principalmente por sermos considerados veículos perigosos de contaminação - e termos a atividade compreensivelmente suspensa, por decreto governamental - e não estarmos a receber os apoios necessários para fazer frente à não-faturação, à manutenção de algumas despesas obrigatórias e mesmo ao lay-off dos funcionários, os quais são em parte suportados pela entidade empregadora. É impossível e impensável mantermos as clínicas a sobreviver apenas dos tratamentos considerados urgentes. Para não falar da escassez global de EPs, da falta de apoio ao sócio-gerente, que em muitos casos trabalha tanto ou mais

do que os seus colaboradores, na ausência de medidas que reduzam os gastos com impostos, taxas, etc.. Incomoda-me a ideia generalizada de que o médico dentista é um usurpador milionário. É importante desconstruir este mito criado nos anos dourados que há muito já lá vão. A maior parte das clínicas são micro (nano!) - empresas que garantem, com o seu trabalho, uma vida

de contas saldadas mensalmente aos seus donos, colaboradores e ao próprio estado, através das suas obrigações fiscais. Do ponto de vista do funcionamento clínico, adoção de protocolos e prioridades, tudo mudará. Serão os próprios pacientes a selecionar as clínicas que ofereçam as melhores condições higiénicas, de controlo de assépsia e biossegurança durante os tratamentos. Isto requer, obrigatoriamente, mais tempo de consulta, mais tempo de desinfeção entre pacientes, implementação de ainda mais medidas, material e sequências de cuidados de descontaminação, portanto, mais recursos, resultando também em despesas acrescidas - para os profissionais e, conseqüentemente, para os utentes”.

Carlos Falcão assume que “o maior impacto será na forma como exercemos a profissão e como teremos de nos adaptar a esta nova realidade. Infelizmente, muitos de nós estão a sofrer com a falta de apoios, com a falta de sensibilidade para as nossas estruturas de pequena/média dimensão que terão muita dificuldade em suportar os meses em que teremos de estar fechados sem poder realizar o nosso trabalho. Sei que todos estamos a manter os postos de trabalho de quem depende de nós, mas é muito duro que

nós próprios estejamos a sofrer da falta de apoios como talvez outros setores da economia estejam a receber. Teremos de nos adaptar com protocolos de atuação melhorados no que diz respeito a evitar a contaminação cruzada. Mas é algo que na nossa área era já comum, portanto penso que seremos pioneiros neste campo. Isto permite que possamos proteger os nossos pacientes, e os nossos colaboradores”.

Para Fernando Duarte, “a grande maioria das clínicas de medicina dentária são altamente organizadas na gestão das suas agendas, do seu stock, do pessoal e dos seus compromissos financeiros, no entanto, com um decréscimo no retorno financeiro de 100%, a viabilidade económica poderá tornar-se insustentável a curto e médio prazo. Com o prolongar do período de emergência nacional, a abertura das clínicas vai sendo protelada e o prazo das moratórias bancárias solicitadas, diminuído; podendo ser este o principal fator de desequilíbrio da estabilidade económica programada. Acredito que o retorno da atividade clínica será progressivo mas

numa velocidade lenta, residindo o principal impacto na indisponibilidade dos pacientes para remarcação de novas consultas. Esta regressão poderá assentar essencialmente em dois motivos: o primeiro, o medo de infeção que se instalou na população evitando

para já deslocações não urgentes e o segundo, o decréscimo significativo no rendimento mensal das famílias. As clínicas de medicina dentária foram as primeiras a encerrar na totalidade a sua atividade por decreto governamental, no entanto, seria benéfico a emissão de mensagens de adequação aos novos protocolos de atuação, sinónimo de capacitação, preparação e prontidão para o exercício da nossa função, sem discriminação das patologias apresentadas pelos nossos pacientes, cenário este que sempre realizamos”. Hugo Madeira diz-nos que “devemos analisar os impactos por horizonte temporal e na perspetiva quer do setor, quer do paciente. Atualmente, as clínicas de medicina dentária estão apenas disponíveis para urgências inadiáveis. Estamos a falar de um universo de cerca de 6.000 clínicas



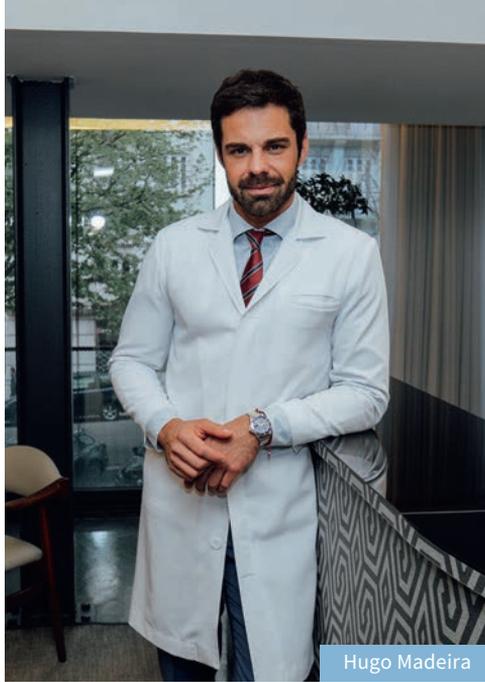
Carlos Falcão

vídeo:
youtu.be/LskOGTIMxCs



Fernando Duarte

e de mais de 12.000 médicos. Se contarmos as assistentes e restante equipas de suporte, são algumas dezenas de milhares de profissionais e empregados diretamente afetados. Mas na ótica do paciente, o impacto é igualmente elevado. Não só pela inconveniência decorrente do adiamento dos procedimentos já marcados - refira-se por exemplo que



Hugo Madeira

temos um peso significativo de pacientes não residentes em Portugal que já tinham as viagens marcadas - mas igualmente pelo risco de se interromper certos planos de tratamento de saúde e funcionais, que podem colocar em causa a saúde do paciente. Daí ser muito oportuno que haja uma revisão do que deve ser considerado realmente urgente, numa perspetiva integrativa da saúde. No curto a médio prazo é previsível que as clínicas voltem a reabrir. Sob restritas condições de segurança e higiene. Estas medidas vão ter um claro impacto nos custos e na capacidade operacional, mas serão fundamentais e de implementação obrigatória. No longo prazo sinto que mesmo após a existência de uma vacina ou de medicação eficiente para a Covid-19, as pessoas vão em geral manter um muito maior preocupação com a higiene e mesmo uma interpretação mais holística em relação à saúde. O que estou a fazer hoje num dente pode ter impacto no meu organismo? Qual influencia a longo prazo de certa medicação que vou tomar? Todo o setor vai ter que se adaptar, não só para construir manter os mais elevados padrões de qualidade e de segurança, mas também para saber interpretar estas novas tendências”.

João Caramês sublinha que “não nos

podemos deixar tolher pelo cenário triste que hoje vivemos. A grande maioria das clínicas dentárias são efetivamente pequenas e médias empresas que têm a seu cargo vários colaboradores. Sentir que não conseguimos cumprir as obrigações perante os colaboradores e vermo-nos privados de rendimentos é angustiante. Perante a suspensão abrupta que ocorreu, a ausên-

cia de faturação das clínicas levou a que a maioria recorresse a medidas como o lay-off para sobreviverem. Desconhece-se ainda quantas não conseguirão reabrir após a quarentena. Como referi em intervenções recentes vivemos uma situação ímpar na história da profissão. Pela primeira vez os médicos dentistas decidiram suspender a sua atividade, uma decisão posteriormente confirmada por decreto lei do Governo. Assumindo o desígnio que assiste um profissional de saúde num cenário pandémico, a grande maioria dos médicos dentistas disponibilizou-se para esclarecer a população através da linha Saúde 24 ou facultou material de proteção individual a serviços hospitalares carenciados. Apesar do âmbito maioritariamente privado da profissão tudo temos feito para assegurar a segurança da população. A seu tempo creio que esta postura pode e deverá ter um impacto positivo no reconhecimento dos médicos dentistas junto dos órgãos de soberania. Pelo papel que desempenha e pelos fatores de risco a que está exposta, é fundamental que a medicina dentária possa estar mais protegida no futuro. Os próximos meses adivinham-se difíceis. A sociedade encontra-se e estará condicionada por medidas de contenção reforçadas

por consecutivos estados de emergência e por regras de comportamento social, que bem, ajudaram a salvar vidas durante esta crise. Cabe-nos rever protocolos e assumir uma postura coletiva de proteção da equipa de saúde oral e do paciente. Não podemos falhar neste compromisso. Se proporcionarmos segurança, geramos novamente a confiança de todos os pacientes. Confiança é a palavra-chave”.

Para Miguel Pavão, os impactos são a vários níveis. “Primeiro, porque os profissionais de saúde são pessoas e sofrem diretamente com a ameaça de contaminação e doença, bem como o elevado risco de contagiar os seus familiares. No caso dos médicos dentistas, o risco de exposição é extremo o que leva desde logo a medidas de isolamento e proteção acrescidas. Em segundo lugar, há outro impacto: o económico e social. Não consigo dizer qual o mais letal. Mas gostei de ler um artigo, cujo título me marcou e que destaco: ‘A economia recupera, os mortos não!’. Neste sentido, podemos acreditar com uma visão otimista que se a nossa saúde não sair afetada, teremos sempre a possibilidade de refazer o impacto económico, independentemente de isso nos custar muito e poder ter consequências sociais elevadas. Enquanto os mecanismos de defesa parcial, através da imunidade ou total, através da vacinação não funcionarem, vamos andar receosos e com adaptações que podem ter um impacto no dia a dia da medicina dentária e mudar o modus operandi da

nossa profissão. Ao fim de 15 anos de profissão, não tenho receios em dizer que a medicina dentária não é um bem supérfluo. É uma necessidade de saúde e médica, que não desaparece e, por esse sentido, devemos aproveitar o valor da medicina e o importante papel dos profissionais de saúde neste cenário de pandemia”.

Segundo Nuno Menezes Gonçalves, um dos impactos será “o deterioramento da saúde oral na população, nomeadamente propiciando que tratamentos simples se transformem em situações urgentes de complexa resolução. Paralelamente, a crise económica trará uma diminuição do poder de compra que também contribuirá para empurrar a saúde oral para segundo plano. Para os profissionais de saúde, as evidentes dificuldades financeiras devido à suspensão laboral decretada pelo Governo, que já vigora há mais de um mês, que, aliada a insuficientes ou inexistentes apoios económicos do Governo, já criou situações de severa precariedade (inclusive ao nível de bem essen-

ciais). Num setor que já estava em crise há muitos anos, muito provavelmente será responsável pelo encerramento de centenas de clínicas dentárias, despedimento de vários profissionais e aumento da incidência de subemprego. Do mesmo modo, importa ressaltar alguma falta de proatividade da Ordem dos Médicos Dentistas (OMD). Não acautelou desde início a imposição de medidas de apoio ao setor (tendo sido o primeiro e único a ser proibido de funcionar



normalmente pelo Governo), permaneceu silenciosa durante mais de duas semanas até alguns colegas se insurgirem na comunicação social e ainda não se pronunciou quanto a futuras guidelines de métodos de trabalho, desinfeção e assépsia das clínicas dentárias. De pandemia, passámos a pandemónio, com enorme especulação comercial em torno dos EPI, devido à sua escassez, e equipamentos de controlo de infeção cruzada e ausência de fiscalização eficaz no cumprimento dos protocolos de segurança e no funcionamento das clínicas apenas para situações urgentes”.

Pedro Costa-Monteiro descreve numa palavra o impacto da Covid-19: “desastre, comparável a um tsunami. De um dia para o outro, uma clínica altamente rentável, com agenda cheia para vários meses e que há 20 anos navega em velocidade cruzeiro, reduz a faturação em 100% e mantém o pesado orçamento mensal”.

Para Rui Monterroso “são vários os impactos observados no setor da medicina dentária. Infelizmente, esta pandemia obrigou a suspender a marcação de consultas e isso representa uma redução drástica na atividade. A atividade da medicina dentária tem por base a disponibilização de um serviço e depende da procura



Pedro Costa-Monteiro

vídeo:
youtu.be/g9S24R0juTA



dos pacientes. Sem a possibilidade de responder à procura, os profissionais irão sofrer inúmeras dificuldades relativamente à sustentabilidade das clínicas. Os pacientes veem os seus tratamentos adiados, o que causa descontentamento e, em último caso, muitos desses tratamentos podem ficar comprometidos”. Eduarda Simões assume que “a pandemia veio alertar para

o quão importante é a função de um médico dentista na sociedade. Somos profissionais que já diariamente temos todos os cuidados ou a maioria de nós sabe como são complexos os desinfetantes necessários à boa prática, não só para a proteção dos pacientes mas também dos profissionais e suas assistentes ou colegas prestadores de serviços”. Quanto a Adriano Carreira, “um dos principais impactos da pandemia foi colocar a descoberto alguns dos grandes problemas da medicina dentária em Portugal, grande percentagem de emprego precário principal-

mente dos mais jovens profissionais, sem capacidade de resistir financeiramente a este peso, ter a perceção que os seguros dentários são e continuarão a ser uma menos valia para a dignificação da medicina dentária e ver a dificuldade que o setor atravessou para se preparar para voltar à rotina de trabalho e os custos



Eduarda Simões

brutais a nível de aquisição de material para o efeito. A falta de poder económico por parte da população, se já antes era problemático com apenas 40% da população a procurar regularmente um dentista, ainda se vai acentuar mais durante bastante tempo, pois acredito que ainda estamos longe da recuperação económica e os próximos tempos serão bastante complicados para a população em geral e, consequentemente, para os médicos dentistas”.

Américo Ferraz diz haver impacto a dois níveis: de confiança e financeiro. “O primeiro vai perdurar enquanto a pandemia existir. De facto, houve muitas declarações, inclusivamente de médicos dentistas, nos diferentes meios de comunicação, que apenas serviram para perder a confiança de pacientes. No que diz respeito ao espectro financeiro, o impacto é brutal e ainda não pode ser contabilizado. Há perdas financeiras imediatas, pela paragem da atividade, e na retoma, como já era de prever, muita coisa mudou: muitas despesas com o equipamento de proteção individual e atendimento de menos pacientes / dia”.

Da região da Madeira chega-nos a realidade de André Gonçalves: “Esta crise epidémica colocou a nu imensas fragilidades em todos os setores, mas particularmente no setor da saúde. Enfrentamos dificuldades de diversa ordem e vivemos num país burocrático, isso reflete-se inevitavelmente na orgânica da saúde nacional. Conduzir a política de saúde deve basear-se em processos simples

e transparentes, garantindo uma aplicação mais incisiva e em tempo útil, aliada a uma utilização sustentável dos recursos e, apenas assim, apontar a melhores resultados”. Acrescenta que “há várias preocupações transversais neste período. Destaco as consequências financeiras que a pandemia terá na nossa profissão e na sustentabilidade das clínicas, tal como a nova realidade pós-Covid que modifica quase todos os aspetos da vertente clínica. Preocupa-me também a atenção que os pacientes naturalmente dedicam à epidemia, é uma questão de sobrevivência em circunstâncias extraordinárias. A informação disponível, diria até excesso de informação, torna quase impossível filtrar o conteúdo baseado em evidência científica e selecionar as fontes verdadeiramente credíveis. A suspensão da atividade enquanto durou o Estado de Emergência, uma medida órfã de um plano de proteção financeira e que a meu ver pode ter agravado problemas de saúde, abriu espaço para uma reflexão sobre quais as situações urgentes e inadiáveis e sobre a neces-

sidade de tratamento médico-dentário num contexto de pandemia. Não é de todo expectável um regresso à atividade clínica idêntica à fase pré-Covid, mas sim um regresso gradual e cauteloso, consciente do risco inerente de contágio associado ao exercício da nossa profissão. É esperado um abrandamento drástico da atividade económica em todos os setores e a medicina dentária não será a exceção”.

Gil Oliveira comenta: “O impacto na



André Gonçalves

medicina dentária tem sido extremamente negativo e não revejo grandes melhorias nos próximos tempos, devido à falta de apoio económico, e de EPIs disponíveis para trabalharmos, quer da parte do Governo quer da OMD”.

Também António Korrodi Ritto acredita que “vai haver, de início, uma dificuldade em retomar a atividade pelos custos inerentes das medidas de prevenção a serem tomadas”.

Olívio Dias iniciou a profissão em odontologia em 1969 sem que, até ao início da pandemia, tivesse sido confrontado com uma situação similar. “O impacto foi catastrófico, dadas as medidas impostas úteis, mas que considero exageradas. O maior perigo da contaminação teve início em dezembro até fim de fevereiro, sem que autoridades sanitárias tivessem tomado quaisquer medidas. A nível económico, é impossível contabilizar os prejuízos causados aos profissionais trabalhadores independentes e clínicas em geral. Mesmo com a possibilidade do lay-off, para atenuar os prejuízos, ainda não se conhece a forma e a data de compensação supostamente agendada fim de abril”.

Na opinião de Luís Pinheiro, os impactos da pandemia estão divididos em três grandes grupos: “impactos na saúde pública – como temos conseguido observar ao longo das últimas e longas semanas de confinamento, pela informação que nos chega às mãos, quer por colegas de outras especialidades, quer pelos noticiários, quer pela net e suas redes sociais, além do impacto que é evidente e óbvio que a Covid-19 teve na nossa população, quer pelo número de infetados, quer pelo número de mortos, vamos ter



daqui para a frente a noção do impacto que esta pandemia provocou nos outros doentes. Convém lembrar que as outras doenças não desapareceram, não ficaram de férias, nem fizeram uma pausa e a forma como o processo foi conduzido, levou a que muitos doentes tivessem medo de ir às urgências, hospitais e de centro de saúde; impac-

tos político-económicos – em tempos de crise, existem sempre uns negócios que se alavacam e prosperam, é a velha máxima: ‘enquanto uns choram, outros vendem lenços de papel’. Aconteceu assim noutras pandemias, noutras catástrofes e em tempos de guerra. A forma como as decisões são tomadas no momento, quer na vida, quer na política, trazem retorno e consequências a curto, médio e longo prazo. Maior parte das empresas e negócios estão a ser muito afetados, de forma muito negativa, e nós, clínicas de medicina dentária, fomos impedidos de trabalhar logo desde cedo, e mesmo após o regresso, irão passar muitos meses até se voltar ao estado normal do mercado. Mas estamos como sempre estivemos até aqui, como profissão, prontos para as dificuldades porque os nossos pacientes precisam de nós; e impactos sócio-culturais – hoje temos um comportamento social de desconfiança generalizada, onde olhamos uns para os outros como possíveis veículos infecciosos e, como povo latino que somos, vai ser muito difícil, e até mesmo triste, chegarmos a um grupo de amigos ou colegas, mesmo familiares, e começamos a fazer vénias e acenos com a cabeça em vez de um caloroso cumprimento como até aqui. Em termos culturais, existe o perigo de o individualismo ainda

se exacerbar mais, devido ao isolamento a que se assistiu e assiste. E uma sociedade que deixa de ser humanista e fraterna, não tende para a melhoria de condições de vida dos seus cidadãos”.

Sérgio Pereira explica que “a Covid-19 teve, tem e terá um impacto enorme na nossa profissão. Os custos associados aos novos protocolos de atendimento dos pacientes serão um grande desafio. Novos equipamentos, novos procedimentos em todos os espaços físicos das clínicas, um tempo muito mais alargado de consultas com uma queda brusca da produtividade terão um impacto acentuado sobre a rentabilidade e a sustentabilidade económica de todas as clínicas do país. A imagem negativa que a desinformação de alguns meios de comunicação social incutiu às clínicas de medicina dentária terá que ser combatida com muita ação e informação. Muitos colegas que já tinham dificuldades antes desta pandemia agora veem os seus ganhos terrivelmente reduzidos num curto período de tempo, o que poderá originar despedimentos e desemprego do pessoal auxiliar, bem como das profissões associadas como a prótese dentária. Muitos laboratórios de prótese já acusam a crise e também já despedem pessoal. Paralelamente a isso, muitos pacientes com medo ou sem possibilidades económicas vão deixar a sua saúde oral degradar”.

Medidas a tomar

Para Cátia Íris Gonçalves, “esta resposta não é fácil, dada a conjuntura deste país. Poderia responder qualquer coisa otimista e facilmente exequível, mas a verdade é que este



Sérgio Pereira

país não apoia a iniciativa privada. Os profissionais independentes contam, infelizmente, consigo próprios enquanto indivíduos ou grupos organizados para responder aos mais variados desafios. Somos quase tratados como marginais no que toca à protecção social, financeira, à saúde. Deveria haver uma integração da medicina dentária no SNS, mas sob

moldes de candidatura justos e mediados sem recurso a empresas que fazem do trabalho dos outros vida, tal e qual como um parasitismo. Abolir terminantemente todas as participações que não garantam às clínicas valores que possibilitem tratamentos de qualidade e com todos os cuidados técnicos, materiais e higiénicos que esta área tão sensível exige. Penso que no futuro vamos assistir a uma das maiores mudanças na história da humanidade em vários aspetos e a medicina dentária fará parte desta mutação. Esperemos que saia mais reforçada do que fragilizada”.

Já Fernando Duarte afirma que “a principal medida reside na implementação de novos protocolos de proteção individual, da equipa e do próprio paciente, evitando novas cadeias de infeção que poriam em risco o reinício e manutenção da atividade clínica. A manutenção da segurança coletiva deverá ser o princípio base de sustentabilidade. Com a necessária implementação destes protocolos o número de pacientes a ser visto será forçosamente mais reduzido, daí a necessidade de medidas adicionais, nomeadamente, a implementação de horário alargado de funcionamento e maximização dos consultórios existente em cada clínica com utilização

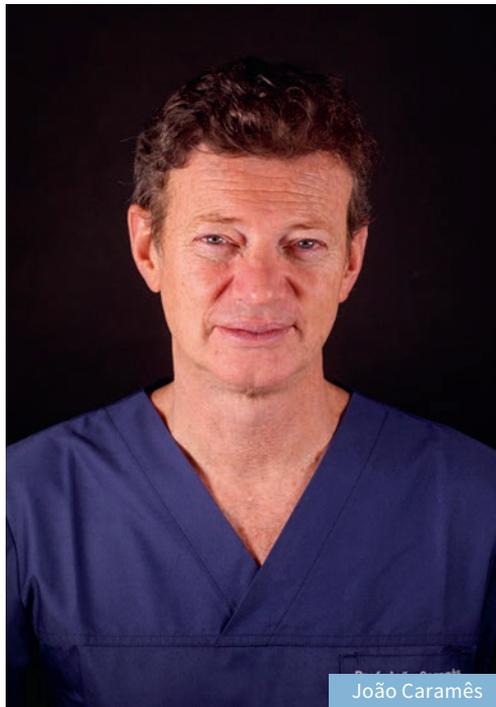
alternada dos mesmos. Paralelamente, deverá ser considerada a gestão dos pacientes em função da urgência das situações clínicas assim como da capacidade monetária dos mesmos neste novo contexto; sendo aconselhável um plano de consultas híbrido que contemple as duas premissas anteriores. As clínicas dentárias são empresas e, como tal, deverão evoluir do ponto de vista organizacional para a profissionalização da gestão, se acautelem situações futuras com a criação de fundos de reserva e aplicações. O investimento de parte dos lucros mensais para estas aplicações poderá revelar-se a alternativa autónoma mais viável para a atividade futura”.

Quanto a Hugo Madeira, as medidas passam por “ter um máximo respeito pelas medidas e contingências definidas para minimizar riscos de transmissão da Covid-19. Em termos económicos, provavelmente muitos vão ter que repensar o modo como trabalham. Por exemplo, na Clínica Hugo Madeira, a extensa utilização do workflow digital traduz-se não só em maior precisão, menor tempo de execução e melhores resultados, mas acaba por ser um fator de segurança pela menor presença de elementos físicos em boca”. Na área específica da ortodontia com alinhadores transparentes, Pedro Costa-Monteiro afirma que o caminho que iniciou com telemedicina há cerca de um ano passou agora a ser a via prioritária: monitorização à distância dos tratamentos, consultas em vídeo-chamada e entrega de alinhadores em casa

dos pacientes.

João Caramês relembra que, “em pleno início do século XXI, o mundo já foi confrontado com cinco grandes crises epidémicas (H1N1, SARS, MERS, Ébola, e Covid-19), contudo nenhuma com um impacto tão global como a provocada por esta última. Não sabemos quando nem como, mas será realista reconhecer o retrato partilhado por vários investigadores de que esta frequência de epidemias se poderá manter futuro. Teremos todos que aprender com a dura luta que está a ser travada contra a Covid-19. Felizmente em Portugal, e graças às medidas de confinamento adotadas pela população, o número reprodutivo (Rt) (ou seja, o número de casos secundários por cada nova infeção tem vindo a mostrar um declínio evidente desde 8 de abril e a curva epidemiológica parece dar indícios de achatamento. Apesar da difícil e consciente decisão de parar as clínicas de medicina dentária ainda antes da decisão governativa, esta é a que nos permite ao fim de um mês vislumbrar um maior

desafio: restabelecer a normalidade possível, lidando com uma sociedade sem imunidade de grupo e sem a existência de uma vacina. Na minha opinião, será por aqui que começamos a minimizar danos para uma nova crise. Como referi anteriormente, reforçar a segurança de procedimentos é a condição fundamental para readquirir a confiança dos pacientes. Se é certo que cada clínica irá individualmente rever os seus protocolos de trabalho é importante existirem



João Caramês

normas comuns a todas e que se perpetuem no tempo. Não se traduzindo apenas no reforço do tão referido equipamento de proteção individual do médico dentista e restante equipa como na sistematização e ênfase dos procedimentos por parte da assistente dentária que diminuem a dispersão de aerossóis pelo gabinete (no mínimo a quatro mãos), no desenvolvimento de

equipamento que reduza a sua produção e dispersão ou na melhoria das condições de ventilação e filtragem de ar dos gabinetes dentários. Igualmente importante será assegurar higiene no acolhimento do paciente na clínica evitando a aglomeração de pacientes na sala de espera e reduzindo ao máximo a sua mobilidade no espaço da clínica. Devemos ser menos ambiciosos e espacçar mais a consultas nesta fase. Promover a higiene do paciente, quer de mãos, quer por algum tipo de proteção do seu vestuário, ou por um bochecho obrigatório com antisséptico oral também serão importantes. Será previsível o alargamento da quarentena a grupos potencialmente de riscos, contudo, poderão ser pacientes aos quais sejam destinados períodos específicos de atendimento clínico. Desde sempre, a medicina dentária foi identificada como uma atividade exposta ao risco e, desde sempre, o médico dentista se soube defender e proteger o paciente. Cabe-nos agora, como que num processo de seleção natural causado pela Covid-19, aperfeiçoar todos estes processos, que deverão ser ainda silenciosamente mais limpos, para restabelecer a normalidade”.

Miguel Pavão pensa que “cenários como



Adriano Carreira

estes têm uma dimensão global e são difíceis de prevenir à escala individual. Mas como alguém que sempre se interessou pela ajuda ao desenvolvimento e saúde pública, devo dizer que só a nossa ação sinérgica pela redução de determinantes sociais da saúde podem evitar estes surtos, pois eles derivam de nichos de pobreza e sociedades com práticas mais ancestrais. Do

ponto de vista de preparação para minimizar a crise económica, acho que se pode estar melhor preparado. Já podemos tirar lições desta pandemia de Covid-19, que expôs as fragilidades inerentes à profissão de médico dentista, enaltecendo a precariedade que os profissionais estão sujeitos por remuneração pouco ou nada favoráveis, condições laborais desprotegidas e especulação pela desvalorização do ato médico, por entidades exógenas à profissão. Nesse sentido, podemos aproveitar a crise para ‘limpar’ muitas das ameaças que desvalorizam a medicina dentária e a profissão”.

Nuno Menezes Gonçalves não acredita que “o setor se pudesse ter preparado mais ou melhor para enfrentar uma pandemia. No que diz respeito à saúde pública, temos protocolos de higiene, segurança e controlo de infeção cruzada atuais e rigorosos para proteger os profissionais e os utentes. A pandemia foi como uma avalanche, que nos obriga a, no mais curto período de tempo possível, reformular os paradigmas, produzir literatura científica e adaptar-nos ao mundo novo. Em termos económicos, a pergunta deverá ser feita ao contrário: que medidas preventivas e urgentes deve o Governo tomar

para proteger as micro, pequenas e médias empresas – os verdadeiros motores da economia – onde se incluem as clínicas dentárias, num cenário semelhante? Num cenário ideal, poder-se-ia pensar na criação de um fundo semelhante a uma caixa mutualista, por parte da OMD, financiado pelas quotas cobradas aos seus associados, que assegurasse algum apoio financeiro aos colegas que o requeressem em situações de emergência nacional. Quanto a medidas adicionais, seria importante pensar num banco nacional de reserva de EPIs, para que não se suceda novamente a rutura de stocks a que assistimos. Em relação ao auxílio à população, sugiro, como já fiz antes, que seja criada, regulamentada e fiscalizada uma rede regional de estabelecimentos de saúde públicos e privados certificados para a prestação de assistência médico-dentária urgente, coordenados pela ARS regional, para que os utentes tenham conhecimento de onde se poderiam deslocar em caso de urgência”.

Rui Monterroso salienta: “Esperemos que uma crise com esta dimensão não se volte a repetir, pois a medicina dentária já dispunha de um elevado nível de higiene e segurança. A nível mundial fomos todos surpreendidos. No futuro, esperamos conseguir precaver antecipadamente alguns dos erros cometidos de forma a evitar que uma nova crise se alastre e resulte na mesma dimensão da que estamos a sentir”. Eduarda Simões pensa que “a maioria dos colegas tem bem presente o que

é necessário para minimizar uma nova crise. Até mutação do vírus, o problema reside nos preços de todo o equipamento descartável usado e deitado fora todos os dias por paciente, além da desinfeção e o custo dos mesmos, que não é coerente com os preços praticados nomeadamente por policlínicas e multinacionais que diariamente inundam as redes sociais falando em valores tão baixos que são obviamente impossíveis de praticar. Acho que já chega. É altura de a classe se unir e ser estabelecida uma tabela de valores fixos a nível inferior realista, de maneira a que não se continuem a cometer fraudes, a induzir pacientes em erro e a desrespeitar a classe da forma como tem sido feito nos últimos anos”.

Adriano Carreira pensa que “uma das medidas mais importantes no curto prazo será transmitir confiança à população que estamos e estaremos preparados para fazer tratamentos com toda a segurança; sempre lidámos com todas a doenças infecciosas e é fundamental passarmos essa mensagem.

Ainda melhor gestão nas clínicas vai ser primordial e sem dúvida continuarmos a ser bastante rigorosos na implementação das guidelines de segurança fornecidas pelas entidades da DGS e OMD, permitindo assim a segurança de todos”. A primeira medida para Américo Ferraz deve ser “recuperar a confiança de todos, inclusive dos próprios médicos dentistas e assistentes dentárias e, claro, dos pacientes. Na minha opinião, deveriam ser elaboradas companhias de



Américo Ferraz

caráter geral sobre esse aspeto em particular. Como é evidente, essa informação tem depois que ser confirmada pelos pacientes ‘no terreno’. A nível financeiro, tem de haver um controlo muito grande, sempre com a preocupação de não diminuir a qualidade do serviço. O fator humano na medicina dentária já era importante, agora vai ser fundamental. O aumento dos custos por tratamento é inevitável e, obrigatoriamente, os honorários vão ter de aumentar”.

André Gonçalves afirma que “o historial de saúde do paciente sempre foi o ponto de partida e assume agora um papel fulcral. Devem ser implementadas regras para uma utilização correta e obrigatória dos equipamentos de proteção individual. O atendimento clínico no setor da medicina dentária sempre foi seguro, não haja dúvida. Há que transmitir essa ideia ao público e, simultaneamente, motivar os profissionais de saúde para que atualizem práticas, hábitos e espaços. Exemplos como a utilização de isolamento absoluto em todos os tratamentos possíveis, privilegiar tratamentos que diminuam os aerossóis, considerar diferentes abordagens aos casos clínicos outrora rotineiros. Os espaços físicos devem ser adaptados e pensados de forma a criar corredores seguros, nas várias etapas do atendimento. Descontaminar a atmosfera clínica e desenvolver sistemas de ventilação mais capazes são desafios enormes a curto prazo”.

António Korrodi explica: “Não sabemos aquilo que se vai

passar, quando estamos ainda numa fase de análise do que realmente sucedeu, pois desde o início que recebemos informação variada por parte das autoridades e vemos que os protocolos também vão variando. Isso significa que se trata de uma pandemia de caráter imprevisível. Creio que a manutenção das medidas adotadas na reabertura e até ao final do ano poderá dar uma maior leitura sobre a prevenção de uma nova crise”.

Para Luís Pinheiro, “os médicos dentistas são profissionais extremamente bem preparados e multifacetados, quer do ponto de vista clínico, quer empresarial. As nossas clínicas fazem parte de um grupo uniforme debaixo de uma alçada legal que nos tutela que vem de várias origens, quer do próprio Ministério da Saúde, quer da DGD, quer da nossa OMD. Portanto, há muitos anos que mais para a esquerda ou mais para a direita, as leis que se aplicam às nossas clínicas fazem delas um espaço extremamente seguro, organizado e estudado em termos de controlo de infeção, quer bacteriana, quer viral. Além disto,

eu e os meus colegas, além de médicos, normalmente ainda somos empresários, investidores, investigadores, professores, empreiteiros, arquitetos, decoradores de interiores e por aí fora, uma vez que gerimos um negócio bastante particular e específico. Somos uma classe profissional de gente séria, trabalhadora e, regra geral, de pessoas muito inteligentes. Não gosto e não concordo com a ideia de que os médicos dentistas foram apanhados desprevenidos



António Korrodi Ritto

e distraídos com a infecção. Todo o planeta foi. No nosso caso, os EPIs poderão ser outros, mais difíceis de comprar e mais específicos para o vírus, mas os princípios todos já estão na nossa formação acadêmica e clínica. Espero também que, no futuro, as discussões e críticas políticas dentro da nossa classe, necessárias ao desenvolvimento e à manutenção da

democracia, não vertam para a comunicação social e para o público em geral, dando uma ideia de desorientação e de falta de segurança que só nos poderá prejudicar a todos. A política é para ser feita em sede própria e não na praça pública ou nas redes sociais em que pessoas de fora da classe têm acesso, independentemente da ‘cor política’. Para o exterior, temos de ser unidos, fortes, orientados e coesos. Os nossos pacientes merecem e a sociedade avalia-nos”.

Quanto a futuras medidas, “tirando ilação desta experiência e dadas as condições das atuais leis laborais”, Olívio Dias acha que “todo o staff deverá ser criteriosamente selecionado e em condições passíveis de suspensão dos excedentes”.

Para Sérgio Pereira “será fundamental que todos os médicos dentistas estendam e apliquem os conceitos de gestão atuais. Sempre fomos bem formados nas competências técnicas da profissão mas nunca nos ensinaram gestão de negócios, obrigando os colegas a fazerem uma gestão na maioria das vezes empírica e emocional que poderá ser ruinosa daqui para a frente. É fundamental avaliar devidamente o valor de todos os procedimentos e ter a noção exata dos custos incutidos com os novos protocolos de trabalho.



Luís Pinheiro

Paralelamente ao ‘cobrar bem’ deve vir o ‘trabalhar bem’, assim, além de formar bem as equipas, teremos também que educar e esclarecer os nossos pacientes para esta nova fase que chegou, desdobrando-nos em encantar ainda mais aquele que nos prestigia com a sua preferência. Também acredito que seja fundamental as parcerias entre clínicas e colegas, para que possam

comprar, financiar e promover seus serviços em conjunto”.

Pontos positivos

“A medicina dentária vai renascer diferente, mas acredito que será mais competente”, começa por dizer André Gonçalves, acrescentando que “a procura pela excelência, o comportamento assertivo, o cuidado preventivo, a sensibilização para a importância da higiene oral, a postura exemplar entre as áreas médicas, são alguns dos atributos que sempre nos caracterizaram. O caminho deve continuar a ser esse no futuro, com a prudência e com os equipamentos de proteção meticolosa que a atividade clínica sempre nos exigiu. Os pacientes tiveram tempo para reavaliar os seus hábitos e, por necessidade, preocupar-se mais com a saúde oral. Isto será seguramente uma nova tendência, muito favorável a todos”.

Luís Pinheiro acrescenta: “Quando temos uma paragem deste género, onde, no meu caso, me vi privado de fazer o que mais gosto na vida que é cirurgia, temos uma janela de oportunidade única de rever protocolos de trabalho, reorganização das nossas equipas que trabalham connosco, de podermos dedicar mais algum tempo à academia, ao

estudo, à publicação e trabalho científico. Poder estar com a minha mulher e com os meus filhos durante este tempo em casa, também me permitiu conhecer zonas da casa que não me lembrava que existiam devido ao imenso tempo que passamos nas clínicas, e nos serões em família descobri como são confortáveis os meus sofás da sala...”.

Fernando Duarte declara que “os pontos positivos passarão inevitavelmente pelo tempo que se readquiriu para que cada um de nós possa repensar o seu projeto profissional, fortalecer o espírito da equipa onde está inserido e priorizar ações que se poderão revelar mais-valias aquando do regresso. A título de exemplo, poderão ser citadas iniciativas como: criação ou melhoramento de sites, criação de novos canais de comunicação com os pacientes através de redes sociais e formação à distância sobre temas ou áreas de interesse”.

Para Hugo Madeira, “a maturidade com que todos em Portugal têm vindo a atuar, com uma quase unanimidade no apoio às medidas de contenção tomadas, conduziram aos resultados que surpreenderam os analistas relativamente à progressão desta pandemia, especialmente em óbitos e pressão nos cuidados intensivos. Tenho expectativa que o futuro seja gerido com igual inteligência, com uma rápida e bem pensada abertura gradual da economia em geral, e do setor da medicina dentária em particular”.

João Caramês

destaca que “fomos conduzidos a uma tecnologia há muito disponível e poucas vezes utilizadas para nos ‘reunirmos’ virtualmente em larga escala. Creio que o recurso mais sistemático a este tipo ferramentas veio para ficar. Entre os pontos mais positivos durante estas várias semanas de quarentena destacaria igualmente a solidariedade observada entre colegas. Ora mobilizando esforços para ajuda ao SNS, ora para adquirir o EPI necessário às consultas de urgência. Paralelamente, proliferaram webinars e o acesso gratuito a plataformas de educação em Portugal e um pouco por todo o mundo reunindo alguns das referências mundiais nas várias áreas da medicina dentária. A adversidade e os momentos de crise que vivemos forçam-nos a parar e a refletir sobre como fazer melhor no futuro. Mas, acima de tudo, apelam-nos ao nosso melhor sentido de adaptação”.

Já Nuno Menezes Gonçalves considera que “é difícil retirar aspetos positivos num setor que foi absolutamente dizimado pela pandemia e pela conjuntura económica, cujo normal funcionamento provavelmente só se verificará dois a três meses após o levantamento do estado de emergência. Talvez, em primeiro lugar, a resiliência e o sentido de bem comum dos médicos dentistas, que na sua maioria não hesitaram em interromper voluntariamente a sua atividade profissional, mesmo sabendo o enorme impacto financeiro que sofreriam com a futura implementação medidas de contenção do



Governo. Também a solidariedade demonstrada pelos médicos dentistas que, apesar da dificuldade extrema em adquirir EPIs e da sua agravada conjuntura financeira, ofereceram aqueles de que dispunham à linha da frente do combate à pandemia; a sua disponibilidade em prestar auxílio à população nas situações de urgência inadiáveis; a pronta resposta dos médicos dentistas ao SNS para

a assistência dos serviços hospitalares, designadamente na linha Saúde 24 e a efetuar testes de despieste de Covid-19”.

Para Olívio Dias, “considerando toda esta problemática e dependência das leis laborais, devemos refletir nas vantagens futuras equacionando a nossa dependência às leis do Estado”.

No que se refere à atividade da medicina dentária, Américo Ferraz não consegue ver nenhum ponto positivo. “No âmbito mais geral, parece que houve um impacto positivo a nível ambiental e espero que sirva como prova real das mudanças que têm de ser implementadas para salvar o nosso planeta. Em termos individuais, destaco que está a ser uma oportunidade para se viver uma experiência única, intensa e muito dramática, mas certamente enriquecedora e que, de alguma forma, vai mudar as nossas vidas. Tenho esperança que essa mudança que seja para melhor”.

António Korrodi Ritto assegura que um dos pontos positivos é “a reorganização da natureza, da população e do mundo em geral, com uma profunda análise de quanto o Homem é tão mau para um planeta que nos acolheu”.



Pedro Costa-Monteiro acredita que teremos “um novo olhar e reorganização dos valores sociais, mantendo o caminho da prática de medicina segura e indubitavelmente irá ocorrer um fenómeno de seleção natural no mercado da medicina dentária, vencendo apenas os que tiveram maior capacidade de adaptação, almofada financeira para o resto do ano e estrutura psicológica para resistir a este período de revo-

lução financeira”.

Também Rui Monterroso acha que podemos retirar alguns aspetos positivos desta situação. “O primeiro ponto positivo observado foi a união da classe com o objetivo comum de se poder retomar as consultas aos pacientes o mais rapidamente possível. Em segundo lugar, tenho a certeza que os consultórios e as clínicas irão reforçar as medidas de higiene e segurança. Depois, com a redução na atividade, os profissionais encontram-se mais ativos nas áreas da formação. Por último, apesar da ausência de apoios externos, a classe mostrou que consegue implementar medidas e adquirir os meios de proteção necessários para assegurar a total confiança e segurança dos pacientes na realização dos atos clínicos”.

Segundo Eduarda Simões, “a medicina é uma profissão nobre. Implica tratar e salvar o ser humano e, neste momento, isso é mais evidente do que nunca. Não somos mercenários nem devemos ser movidos ou geridos por seres que nada entendem de saúde. Acho que deveríamos todos pertencer à Ordem dos Médicos. Na união está a força e só assim seremos respeitados e poderemos ter orgulho na profissão que escolhemos”.

Os pontos positivos para Adriano Carreira? “Ver alguma união entre profissionais, não o perfeito mas mesmo assim de louvar. O abrandar a rotina fez-nos ver os problemas e os stressés do dia a dia de outra maneira e, se soubermos fazer uma autocrítica, tenho a certeza que todos conseguiremos melhorar alguma coisa no nossa rotina de trabalho. Claro que tanto tempo sem trabalhar nos deu a todos ainda mais vontade de voltar o quanto antes para as clínicas e fazer aquilo que mais gostamos”.

Sérgio Pereira assegura que “todos os pacientes estão muito mais esclarecidos e muito mais atentos a tudo o que rodeia a consulta, inclusive a nós e à nossa equipa. Pacientes bem informados compreendem melhor o nosso valor, ao invés de só julgar o preço. Os nossos protocolos de atendimento mudaram e ficaram ainda mais seguros, elevando ainda mais o nosso nível de atendimento e obrigando todas as clínicas do país a essa melhoria. Também acredito que a situação inusitada de todas as clínicas dentárias com portas fechadas por quase dois meses chamou a atenção à debilidade de resposta da medicina dentária pública bem como à importância da rede privada de clínicas particulares que devem continuar a ter os meios e a valorização devidos para assegurar a assistência adequada à saúde oral dos portugueses. Em suma, mais ação e menos reclamação!”.

Quanto a Miguel Pavão, “o sinal positivo que tira é que a vida pode e deve ser planeada, mas ‘q.b.’. Ficou evidente que não tive



Miguel Pavão

o poder de adivinhar e prever esta crise no tempo certo, por isso também é sensato dizer que não tenho a capacidade em adivinhar o que vai suceder. Do ponto de vista da clínica, como médico dentista e gerente, não encontro um aspeto positivo. Talvez no lado individual, esta situação nos mostre que o regime que vivemos, assente nos pilares do capitalismo, que na vida o essencial é simples,

‘small is beautiful’ e que o que realmente vale a pena está acessível a todos e precisa apenas da nossa atenção e do nosso tempo”. Cátia Íris Gonçalves remata e diz que “o facto de estarmos a viver um momento extraordinário que constará dos livros académicos e históricos de todas as áreas servirá de base para que o ser humano se precavenha e retire muitas ilacções úteis. Este é um ensaio cruel e realista que vivemos em tempo real. São dados preciosos para futura análise e implementação de novos sistemas, crenças e ideias. A nível pessoal, aprender a viver com menos, valorizar aquilo e aqueles que realmente importam, refletir sobre a distribuição desequilibrada das atividades que até agora realizávamos durante as horas de cada dia, que pareciam tão curtas. Compreender que somos muito mais resilientes do que alguma vez pensámos. Compreender que a natureza consegue rapidamente recuperar a saúde dos seus ecossistemas, se o homem interferir menos. Compreender que ninguém vive sozinho, mas que a dependência, desde a pessoal à dos mercados estrangeiros, é agora um ponto de reflexão delicado mas de extrema importância e urgência”. •